



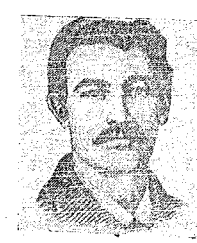
Os acontecimentos de Chicago a 1.º de Maio de 1886 arrastaram, como nas enxurradas das grandes tempestades humanas, as vulturas destes homens que se haviam tornado paladinos da



liberdade pelos seus atos em defesa dos direitos humanos e das suas convicções ideológicas. Alberto Parsons, Jerome Engel, Luiz Lingg, Augusto Spies e Adolfo Fischer, que ilustram a presente man-



chete, são figuras eternas do Rememorar revolucionário à conquista do ideal de justiça e liberdade para todos! Vítimas da reação capitalista, as sombras de seus corpos ponderados das forças assustosas se projetam no futu-



ro ilustrando as páginas da história das reivindicações humanas. É oportuno lembrar aqui as palavras de Parsons, em seus últimos momentos: "Ah, não! Sobre vosso veredicto ficará o do mundo inteiro para demonstrar as injustiças sociais que nos levam ao cadafalso: ficará o veredicto popular para dizer que a guerra social não se acabou por tão pouca coisa".



do inteiro para demonstrar as injustiças sociais que nos levam ao cadafalso: ficará o veredicto popular para dizer que a guerra social não se acabou por tão pouca coisa".

SÃO PAULO, MAIO DE 1951

ANO 33 — N.º 33 (Novta Josa)

# LE LIBERTAIRE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulso: Cr\$ 1,00 — Assinatura: Cr\$ 90,00 — Caixa Postal, 5739)

Director-Gerente: EDGARD LEUENROTH

## DESFAZENDO MENTIRAS!

As Agências Telegráficas distribuíram a imprensa de todo o mundo, em princípios de setembro, uma notícia sobre diversos assuntos praticados na França, na região de Lyon, por grupos de "gangsters" habituados aos assuntos à mão armada. Mas essas notícias atribuíam aos anarquistas espanhóis, elementos exilados na França em consequência da vitória do "franquismo" na Espanha, a autoria desses atentados. Chegaram mesmo a proclamar que os espanhóis estavam agindo na França, conforme se pode comprovar pela leitura de "O Estado de São Paulo" de 2.2.51, e outros jornais do mesmo dia e dias seguintes. Com a chegada agora de jornais anarquistas franceses, estamos de posse de elementos que nos permitem desfazer esse amontoado de mentiras. "Le Libéraire" publicou, em sua edição de 9 de fevereiro do corrente ano, a seguinte declaração do Comité Nacional da Federação Anarquista da França sobre os acontecimentos de Lyon:

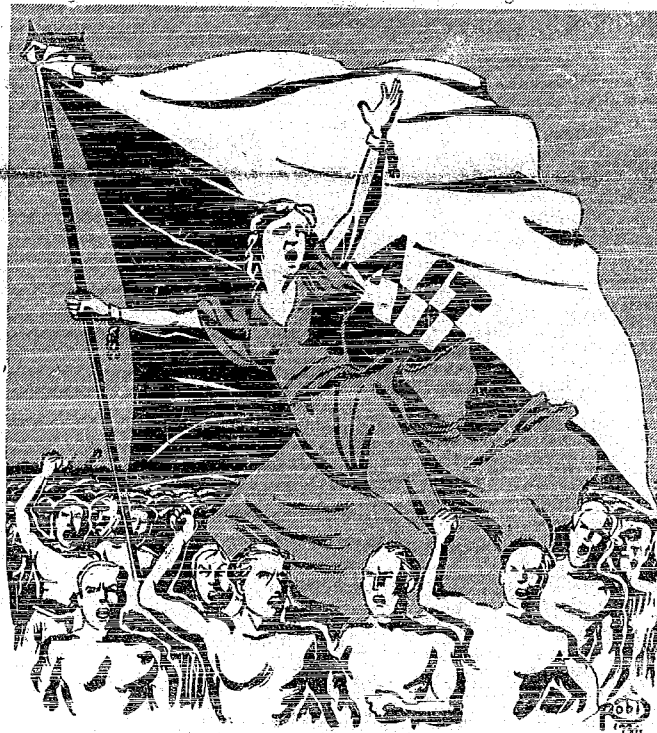
A população foi tomada de extraordinária surpresa e até mesmo com grande estupefação pelo noticiário na imprensa diária a serviço do capitalismo, que atribuiu o ataque levado a efeito contra um comboio postal de Lyon, e os assassinatos que se lhe seguiram, a pretensos "partido anarquista espanhol" agindo na França. Como a maioria dos trabalhadores da França conhecem e estimam os trabalhadores espanhóis, tornou-se necessário que os delegados policiais e os jornais burgueses rivalizassem na propagação de mentiras e na adoção de procedimentos indignos para fazer acreditar na infame afirmação que as organizações espanholas viviam de "hold up".

"Le Libéraire" está agora em condições de esclarecer o assunto, desfazendo assim a torpe mentira veiculada pela imprensa burguesa e repartições policiais.

### OS FATOS

Os autores do "hold up" de Lyon nunca pertenceram à C.N.T. da Espanha no exílio e não são de forma alguma membros de qualquer organização anarquista. Os inculcados cederam naturalmente às ameaças da pressão policial para se dizerem membros da C.N.T. e de F.A.I.

A C.N.T. é uma organização que centraliza em França 25.000 trabalhadores espanhóis, que podem provar, através dos documentos que necessitam para fazer parte dessas organizações, a sua identidade e o seu modo de vida. Esses



Nunca como agora foi sentida a necessidade de desfazer a bandeira da A.I.P., símbolo da Associação Internacional dos Trabalhadores, que há de conduzir os seres humanos à completa libertação de todas as tiranias.

milhares de operários das minas e das barragens (talvez 95% dos efetivos operários), serão eles os "gangsters"? Ou serão sem dúvida os 5.000 de seus mortos que ficaram nos campos de Hitler?

A C.N.T., através de seu congresso de 47 e por meio de muitas circulares confidenciais manifestou a sua opinião contrária a todo procedimento de "gangsterismo". Logo que pôde identificá-los, essa organização, imitando alifás, nesse sen-

tido, os grupos anarquistas exilados, excluiu do seu selo os chamados "brebis galeiros", a maior parte das vezes agentes de Franco que se haviam infiltrado no movimento anarquista espanhol para o comprometer aos olhos do povo francês com a prática de atos de delito comum.

### Informações precisas

Durante a última semana, neste sentido, testemunhada por farta

documentação (circulares confidenciais, prestação de contas, etc.) foi remetida a jornalistas e políticos em evidência, a fim de que, se eles são de boa fé, possam fazer justiça aos nossos camaradas espanhóis.

A C.N.T. e o movimento anarquista espanhol condenam o atentado de Lyon e não se insurgem contra o fato de procurar a polícia francesa capturar os criminosos de delito comum e seus

complices. Mas a polícia francesa, contente por não encontrar um motivo para "anegar" o movimento anarquista internacional, esforça-se por continuar agindo em conjunto com uma organização perfeitamente conhecida, tão aos olhos das próprias autoridades francesas como correta.

Essa razão, desde as primeiras horas, pretendendo interrogar, perseguir, brutalizar, até os 2.000 espanhóis da região de Lyon—são vítimas das arbitrariedades policiais, e não somente anarquistas: todo espanhol é suspeito. Alguns foram presos como cúmplices... porque eles deveriam conhecer, mais ou menos, os culpados. Ora, todos sabem que entre os milhares de emigrados espanhóis se encontram milhares de organizações contrárias, todas se constituíram na mesma cidade, mesmo entre adversários políticos. Mas, ainda, a polícia, invadindo deliberadamente os limites do judiciário, entra no terreno da política: prende inúmeros membros da direção da C.N.T. espanhola no exílio, e manteve dois em constante ameaça de prisão. Ora, estes homens são a imagem mesma de integridade. Aquilo sobre quem existem maiores suspeitas, José Fricas, sempre condenou pessoalmente quaisquer atos com caráter de agressão e o seu passado e uma garantia de perfeita moralidade. E esse homem, um dos mais puros do nosso movimento, que a polícia pretende fazer passar como o instigador do assalto de Lyon: ela não poderia mais recuar. Então, fundada pelos seus interesses, deixa a continuação de seus trabalhos à imprensa servil, ou melhor dito, à "France-Sol", especializada desde alguns tempos em culmas anti-anarquistas, e a "L'Aurore", o jornal de chantage dos elementos degaullistas—franquistas, que se deram pressa em insinuar que Fricas é um vagabundo, um louco chegado há pouco tempo de linguagem pátria! E como era um prongo arrastado fazer essas afirmações gratuitas, culinar dessa forma o nome de um homem íntegro, que pode e sabe defender-se, atribuíram-lhe as mais fantásticas declarações: Fricas disse a Fricas que a F.A.I. não passa de um "grupinho" de "gangsters" e indesejáveis que os grupos anarquistas haviam excluído do seu selo, seguidos depois, nesse expurgo, pela C.N.T.

Vem depois o suicídio do chefe dos "bandidos" e qual foi a conclusão a que chegaram a polícia e o "jornalismo"? Que o homem se suicidou para não falar. Como se fosse a primeira vez que

(Conclue na pag. 2)

"OS 'GANGSTERS' DE LYON NADA TEM DE COMUM COM O MOVIMENTO ANARQUISTA ESPANHOL — MANOBRA POLICIAL DE GRANDE ESTILO, APOIADA POR JORNALISTAS INFAMES A SERVIÇO DA IMPRENSA CAPITALISTA E A VERDADE DOS FACTOS —"

De "LE LIBERTAIRE"

# Desfazendo Mentiras!

(Conclusão)

um bandido se suicida porque sabe que esta perdido... poderia se perguntar também como essa F.A.I., tão secreta e tão poderosa, poderia ter se enfraquecido de um momento para o outro ao ponto de não poder esconder um de seus membros, preferindo comprometer-se, deixando que o chefe se autoliquidasse ao entregar-se à prisão!

### AS CONCLUSÕES

Os meios de que lançaram mão a polícia e a imprensa reacionária para envolver os elementos anarquistas espanhóis nos ataques de Lyon são por si mesmos tão repugnantes, que a sua eficácia e muito relativa e as maquinarias de desmoroamento da imprensa governamental e o parlamento recuam diante de tal ignomínia, tendo vários de seus membros silenciado quando deviam manifestar-se.

Nesse caso teriam de condenar todos os movimentos todos aqueles em sua ação elementos produtores e irresponsáveis que eles procuram eliminar; e se não se pode responsabilizar pelos atos praticados organização pelos atos praticados por qualquer de seus membros a não em contraditório com as suas decisões, menos ainda se pode responsabilizar pelos atos daqueles que essa organização ignora ou que por ela foram rejeitados. Assimela-se por acaso todo o movimento da Resistência aos criminosos do processo de Trotsky?

Mas a hesitação das altas autoridades é consequência sobretudo da atitude de todos os anarquistas. Ao fato de todos estarem interessados em que se faça luz sobre o caso, como o "Le Libertaire" o está fazendo.

Precisamos também denunciar ao correr do inquérito, a óbvia inclinação ao odio dos estrangeiros vindos os trabalhadores espanhóis refugiados na França. Com essa manobra pretendem os calculadores atingir o movimento anarquista espanhol, não só por meio da propaganda reacionária, mas também porque sabem que uma parte da população pode ser levada a crer que esses "estrangeiros" são os planejadores do crime.

É preciso denunciar, finalmente, e sobretudo, as imundas razões políticas da manobra policial: agradecer à Franco e manifestar servilismo aos olhos de Washington com o propósito de furir a Internacional Anarquista.

Temo a Federação Anarquista da França o dever de demonstrar que os trabalhadores espanhóis são apreciados e estimados por todos, de informar que eles foram os primeiros a tomar parte do movimento da Resistência, desde 1939, de mostrar os seus sacrifícios passados e de citar seus atos de heroísmo de hoje, na resistência contra Franco, de demonstrar, enfim, que o caso de Lyon não passa de um pretexto para certos setores da política poderem mostrar a sua boa vontade em servir a Franco, talves para obterem a abertura das fronteiras em caso de necessidade urgente de uma fuga precipitada ou para comprazer aos chefes de Washington.

Os militantes da F.A. não descaçarão enquanto os membros da C.N.T. — não os culpados — não forem postos em liberdade e que seja feita justiça à C.N.T. e à F.A.I. Tudo fará para o conseguir. Estamos lutando em um "do front". É um combate revolucionário.

Viva a F.A.I. e os seus heroes!  
O COMITÊ NACIONAL DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DA FRANÇA

## «O Evangelho da Hora»

Sob a direção do camarada Serafim Porto, acaba de sair o primeiro folheto da serie Cadernos das Questões Sociais. O primeiro é "O Evangelho da Hora", de autoria do saudoso Paulo Berthelot. É uma iniciativa feliz, a publicação dos Cadernos da Questão Social, que vem preencher uma lacuna do atual movimento anarquista do Brasil, e a escola do "Evangelho da Hora" para a estrela correspondente a uma necessidade de propagação.

Os folhetos de serie Cadernos da Questão Social podem ser adquiridos na redação de A PLEBE ou pedidos diretamente à "Casa Postal 4599 — Rio de Janeiro, ao preço de Cr. \$ 4,00.

# FILHOS DO AMOR!

SOUZA PASSOS

**LIBERDADE, CARINHO, COMPRENSÃO E SORRITUDO. A SATISFAÇÃO DA CURIOSIDADE INFANTIL. COM A VERDADE, SÃO CONDIÇÕES ESSENCIAIS AO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA EM QUALQUER AMBIENTE.**



gados a viver na sociedade presente, não com proibições, respeito exemplo da interpretação dos fenômenos sociais e pela trilha, que só podem concorrer para aguçá-los mais ainda da a curiosidade. Insatisfeitos, mas facilitando-lhes o confronto com a maneira de ser da nossa vida de idealistas, convivência social das outras famílias anarquistas.

### Biografias Anarquistas

# WILLIAM GODWIN

William Godwin nasceu em Wisbech, no condado de Cambridges, a 3 de março de 1770. Viveu oitenta e seis anos de vida intelectual e fecunda, tornando-se apontado nos contemporâneos como o primeiro dos dois séculos, renouadora a América e a Europa. Conhecera a glória, o aplauso e a adulação dos apóstolos da liberdade, a felicidade doméstica, a harmonia sublime de uma vida elevada pelo pensamento; depois, a perseguição, o ódio, o ostracismo, a dor e a miséria.

Sua faculdade deslumbrante, a coragem de ministro teológico de uma religião sem deuses, deu-lhe muitos apóstolos. O pai e o avô de William Godwin foram, de fato, pastores calvinistas; e a sua educação foi rigorosamente feita de núcleo com os sentimentos e crenças da família.

As vinte e três anos saiu da Weston College com a mente aberta às discussões teológicas e metafísicas, a palavra fluente e a eloquência subria e severa, sua abundante e com extraordinária ambição de saber e afirmar o próprio gosto.

O "quakerismo" valvético e a humildade existia não conhecida, tratava-se apenas na labareda da sua personalidade. Depois de muitos estudos, a sua vida de por fim de tempo o isolava do mundo dos estudos. A obra-mestra de sua vida para a sua mentalidade inquisitiva o ponto de partida. A Enciclopédia lhe abriu novos horizontes de exploração e em poucos anos se modificaram os seus conceitos religiosos, e a "Enciclopédia Filosófica" de seu genio de lábios e outras questões do questionário religioso.

Em 1793 se achava já em conflito com os seus parquianos e decidiu abandonar a carreira de ministro calvinista, à qual não agera o "Iguava".

"Até 1793 — deixou escrito — acreditava nas doutrinas do cristianismo. Depois de muitos estudos, mudou-se e me tornei pantheista mas não absoçul e ser totalmente ateu senão em 1797".

Com a sua evolução intelectual e conduziu a Londres, onde entrou em contacto com os elementos mais liberais e avançados. Por fim, naquele tempo, tomou a política personalíssima de George III.

de tanta barreira. Estou pelo mesmo convencido que nenhum carácter é nobre no momento em que se dedica à ignorância das eleições...

A Revolução Francesa foi saudada além da Mancha, pelo entusiasmo geral dos milhafines da vanguarda; e em todo o resto do mundo, os anarquistas, achou nos acontecimentos de Paris e da França um novo incentivo para continuar as suas especulações filosóficas. Uma polémica surgiu naquela época, isto é, em 1790, entre Edmondo Burke e Thomas Paine a propósito de uma obra de Burke — "Reflexões sobre a Revolução Francesa" — a qual Burke sustentava com "Os Direitos do Homem", argumentou sobremaneira William Godwin ao ponto de nos parecer que foi o ponto de partida para a elaboração da sua obra magna: "Ensaio sobre a Justiça Política", que apareceu pela primeira vez em fevereiro de 1793, em dois pequenos volumes, em uma edição de outros dois exemplares, imediatamente esgotada; e esta de 1793 duas novas edições foram impressas e vendidas. "Em Justiça Política" está delineada, pela primeira vez, o esquema de uma sociedade sem governo. Godwin não é chamado de Anarquista — que, no entanto, a palavra anarquista no sentido vulgar de caos — chama-se "Gesellschaft Society", mas a forma social que ele preconiza é bem a anarquia quanto às suas características de ausência absoluta de autoridade do homem sobre o homem.

Pierre Ramus escreveu um livro sobre o "Comunismo de William Godwin" e em que não só o que ele entende por comunismo de Godwin.

O anarquismo de Godwin não se pode considerar como pertencendo à classificação "comunista de anarquismo contemporâneo. Paulo Meszner, que compôs uma classificação interessante das principais doutrinas anarquistas, considera o anarquismo de Godwin como "anarquismo absoluto de caos — chama-se "Gesellschaft Society", mas a forma social que ele preconiza é bem a anarquia quanto às suas características de ausência absoluta de autoridade do homem sobre o homem.

A mim parece-me que Meszner tenha estado em qualquer dos extremos anarquistas em que incurrem muitos dos comunistas de William Godwin. O anarquismo de Godwin é indistinctivo, um sentido que ele atribui à humanidade o escopo de conseguir o máximo de bem estar para todos; mas ele não admite que alguma utilidade relativa se arrogue o direito de frear o caminho a seguir para a obtenção daquele bem estar para todos. Cada um deve ser o próprio legislador, ninguém tem o direito de obrigar outro a fazer coisas que não julgue úteis e necessárias. A razão é a lei suprema e a consciência individual — "private judgement" — é apenas interpretador. Altruísmo, isto é, que não se trata de fazer o bem de outros, mas de não fazer o bem de si mesmo, porque no bem estar de todos está o bem estar de cada um.

Assim quanto ao reformismo, Godwin atribui, em sua obra, uma importância preponderante às forças do razão e sustenta que bastaria, por si só, a força do ra-

### CENTRO DE CULTURA SOCIAL

As últimas três semanas, nos sábados, em continuado a obra cultural que vem desenvolvendo esta entidade, foram tomadas com as interessantes palestras do companheiro Maurício, sobre o tema: "Gusalnismo através da História".

Na primeira dessas palestras, que se realizou a 24 de março p.p., o orador dissertou com bastante conhecimento de causa sobre o aparecimento da raça judaica como povo, remontando-se ao período histórico dos acontecimentos bíblicos e citando documentos precisos como argumento de apoio às suas considerações. Reservou para a segunda palestra, realizada a 7 de abril p.p., um estudo interessante do período emigratório dos judeus através do mundo, demonstrando como se tornou a leida do judeu errante e estudando as características religiosas, culturais, e assim como accentuado a contribuição dos judeus nas manifestações culturais, artísticas, económicas e morais de todos os países em que lhes foi permitido estabelecer um meio de vida.

Com a mesma facilidade as palestras anteriores, ainda no último sábado, dia 21, o companheiro Maurício, que é descendente de judeus, tratou do tema dos judeus na Palestina e da formação do Estado de Israel, numerando as razões de Estado que conduziriam a ONU a dar apoio a essa iniciativa, bem como as consequências funestas, para as colónias ligadas ao Vale do Jórdão, das quais A PLEBE tem tratado anteriormente de referências da imprensa anarquista de todo o mundo e as reportagens sensacionais que tem sido feitas em torno do caso mesmo por grandes órgãos da imprensa capitalista.

Nessa palestra o orador conseguiu prender a atenção dos companheiros presentes no auditorio, que seguiram com interesse as conclusões do conferencista. Motivavelmente o assunto CONCLUI NA PAG. 3

### Livros Novos

"EXPLICAÇÃO" — Poemas de Ulisses Diniz — Edição de autor — São Paulo. Este novo livro de poeta brasileiro, esse Ulisses Diniz, há muito redigido em São Paulo onde se ocupa do cargo de Alcaide Municipal do Município de Açu e do Alcaide, três municípios da primeira zona urbana, nessa época tão mercantilizada de interesses materiais, mas não é. Aqueles que conhecem o poeta na intimidade, e sabem como ele espera as coisas, sabem que o poeta não será satisfeito por não obter o que deseja. E assim mesmo. Desprezando, sem ser pediatra, vive para realizar um sonho de enunciação e poesia, tão dedicada a fiel e esse motivo como o seu caráter de personalidade pública.

Palavras não concederá aos o mistico, angustiado, quase vaporoso da maioria de seus versos. Mas o poeta não tem a pretensão de revolucionar o mundo não ao fundo das preocupações filosóficas, mas antes que se julgam predestinadas a lutar a humanidade até o fim das imensas do pensamento ou seguir uma cruz ao calvário do dor. Nos versos de Ulisses Diniz, há quem quiser, há os momentos, vem logo a rescaldação do consolo abraçada o justifica. Mesmo no amor, é um poeta contornado. Canta-o, entoa-o, mas não se revolta ao o fax sofrer.

"Expiação" é um livro composto com a ajuda de amigos de seu autor. São versos escritos há muitos anos na adolescência, a maioria datada de boudade de pedra, na fisionomia melancólica, onde o poeta nasceu. Por isso mesmo se vestem de uma linguagem simples, com esse odor de infância muito natural do povo esboçadamente retratado do nordeste. Mas não se pode negar que o sr. Ulisses Diniz é um artista perfeito na arte do poeta. Mede os seus versos com uma preocupação filigranada da forma. Vejamos, por exemplo, esta amostra de Carnaval:

"Vibra em guises de febre essa pletria louca, Que dissolve o sofrer e transfigura. In genitrix, Tem laços do demônio e botões de sereia. Trança-se no encanto, de qua trax na lida..."

As vezes, comete o pecado de uma irreverência à poesia: "Há selos, quais punhais, em riste, fêmeas de..." No conjunto, porém, o livro "Expiação" é um canto que não ao fundo de uma cantada acompanhando a música, mas sim de um canto que a música de si mesmo de um curuleiro no meio de um campânio...

(Conclui na pag. 3)

W. PASSOS

Ainda o caso de "LA PRENSA"

A propósito do caso de "La Prensa", a que nos referimos na última página, recebemos por intermédio de um colega do Rio de Janeiro o seguinte comunicado de Buenos Aires:
O caso de "La Prensa" é mais um capítulo da ação repressiva do governo, que tem em vista eliminar todos os órgãos de oposição, ainda que se trate de imprensa moderada e democrática. É preciso reconhecer que "La Prensa" tem sido uma entidade digna e valente dentro da sua clássica posição liberal conservadora. Era, realmente, a única fonte informativa a que podiam recorrer aqueles que pretendiam saber o que ocorre no mundo, salvaguardando naturalmente a objetividade burguesa. Aquela era a direção de todos aqueles se opunham ao governo de Peron; sua grande dificuldade era um caso duro de rote para o ditadorismo governamental. Este havia feito diversas tentativas com o propósito de suprimi-lo, entre elas algumas assinadas "brutas a efeito pelas turmas fanatizadas do peronismo, para ser resultando. Lançando mão de um recurso vergonhoso, os órgãos de controle do governo confiscaram a "La Prensa" e nomearam um novo diretor, o Sr. Juan José de Larrea, integrado por indivíduos que, com o beneplácito do ditador, impedem a saída desse diário, cujo pessoal, composto de 1.300 pessoas, trata em vão de se fazer ouvir pelas "autoridades do trabalho". E está, sustentando, a situação do conflito, cujo verdadeiro objetivo é comprimir no todo mundo. Circulam rumores que esse assunto terminará por uma expressão das instituições peronistas. "La Prensa" não tem em vista de ser o serviço do peronismo oficial. Tudo é possível, a menos que o império alguma pressão do exterior.

Em 11 de maio, posteriormente as notas acima mencionadas, comunicou-se o objetivo do governo peronista. "La Prensa" foi entregue a uma Comissão de Sindicância, seu diretor e Proprietário, estáforagido, e já foi pedida a elaboração de um órgão de divulgação que não se havia detido intimidar nem corromper.

1.º DE MAIO

A imprensa anarquista, o movimento anarquista em geral tem o dever de reivindicar para si a data de 1.º de maio, não para desfilarem festivos bandoleiros em homenagem a homens públicos, mas para repetir um grito de protesto e a tirar as facas dos tiranos de todos os tempos o gândema de ASSASSINOS!

Sim, porque, calculadamente, as correntes políticas de todas as cores se assenhorearam da data de 1.º de Maio para dar-lhe um caráter de festa — a Festa do Trabalho. Não! não se enganem os trabalhadores de todos os países em que o dia 1.º de Maio passou a história como data festiva em homenagem ao Trabalho. É mentira! Esse desuero de uniformes bizarros e som do ra-ra-pan de tambores lúzidos, essa pomposa festa do Trabalho dos orçãos governamentais são uma nova forma de corrupção das consciências proletárias. Mais do que isso, é uma vilania com que se afronta a memória dos mártires de Chicago, do qual fazem participar os trabalhadores, vítimas seculares da exploração capitalista e do Estado que são os únicos responsáveis pelos crimes acontecidos com a história das reivindicações humanas registra com o fundo ilustrado pelas sombras dos corpos pendurados de horrores trabalhadores que eram estes das famílias e autazes conquistadores do pensamento livre.

A data de 1.º de Maio, ao contrário da interpretação festiva que lhe dá a burguesia, tem como fundo a sombra das forças assassinas que resultaram dos trágicos acontecimentos de Chicago, e nes que morreram condenados por um erro judicial chco paladinos da liberdade.



Trabalhadores do Brasil defendendo, recusando-se a formar parte dos festejos de 1.º de Maio, os sentimentos de fraternidade, de liberdade e justiça que levaram os heróicos protagonistas da tragédia de Chicago à morte. Era essa festividade pretendem os governantes comprar a vossa resignação de explorados e amular o espírito de rebelião que caracteriza todas as conquistas alcançadas nas lutas das vossas reivindicações.

O dia 1.º de Maio não deve

ser para os trabalhadores um dia de festa, mas um dia de meditação, um dia destinado a fazer um balanço no Deve fazer-se trágico e do poder para levar ao seu debito mais esse crime praticado nas pessoas dos trabalhadores que morreram por uma causa da humanidade e que souberam morrer com extrema dignidade.

O 1.º de Maio deve reivindicar cada trabalhador na posse de si mesmo, no confronto de seus direitos conquistados, na defesa de suas vidas sempre ameaçadas pela reação, cada vez mais afundadas na lama das ignominias de um regime de estorção e miséria.

Na memória dos trabalhadores de todo mundo deve permanecer, como símbolo das reivindicações sociais, o episódio dessa tragédia profundamente humana que se desenrolou o 1.º de Maio de 1886, em Chicago, na qual perderam a vida, em consequência de um erro judicial, ou por outra, porque assim continuava os capitalistas norte americanos, Alberto Parsons, Jorge Engel, Adolfo Fischer, Luiz Lingg e Albert Spies, epilogo dramático de uma das mais belas conquistas do proletariado internacional: a jornada de oito horas e o respeito à dignidade dos trabalhadores. É a máscara festiva com que o capitalismo pretende fazer nós esquecer um dos seus crimes mais revoltantes, devemos apontar-lhes nas páginas da história proletária as sombras dos trabalhadores. É a história, ainda continuam a chamar por justiça, liberdade e fraternidade.

Correio Plebeu

S.R. — São Paulo — Capital — De posse de sua carta, tenho muita satisfação em atender-lhe quanto às dúvidas que manifesta. Para esse fim vamos reservar-lhe ditadamente, servindo este simples recado apenas como a forma mais rápida de avisar-lhe o recebimento de sua curiosa cartinha.

BEA AMI — Niterói — Est. do Rio — Foi uma grande satisfação para nós o recebimento de sua cartinha. Vamos responder-lhe atendendo tanto quanto possível as perguntas que nos faz sobre vários pontos da doutrina anarquista. Gostaríamos que nos mandasse as suas impressões sobre o que tem lido a propósito das colônias coletivistas de Israel. Talvez as suas impressões sejam diferentes da documentação que possuímos sobre o assunto, e isso nos interessa. Registramos o seu nome para ser remetido o jornal.

A. W. — Apucarana — Est. do Paraná — Tomamos os apontamentos necessários para a renessa do jornal às pessoas indicadas em sua carta. Ficamos gratos pelas palavras de entusiasmo que dirige à A. PLEBE.

HELENA RIBAS — São Paulo — Por absoluta falta de tempo, o artigo publicado no último número do Saiguero deixou de continuar neste numero a resposta à sua interessante carta publicada alguns numeros atrás nesta mesma seção. Pode ler esta, infelizmente, que a sua carta despertou o mais vivo interesse. Não só pela forma em que a escreveu, encara a questão, mas ainda porque ela nos trouxe a oportunidade de podermos tratar de um assunto anarquista, qual seja o da educação dos filhos em face das dificuldades que o meio ambiente apresenta na atual sociedade.

Estimamos a sua atenção para o artigo publicado no último numero de A. PLEBE sob o título "PROBLEMAS DA MULHER" e esperamos que continue a escrever para o nosso jornal, pois a sua maneira de encarar os problemas é muito interessante e revela um espírito crítico e bastante elevado.

Causticos Sociais

Esta é-nos contada por A. Chibarro, na Livre Pense, de Lausanne. Resúmenes. O reverendo Grosby, missionário protestante, gastou anos de esforços pela sua fé em Salomão, sem alcançar a menor conversão. Um dia, o sábio Economista, que desajava adentramente um filho, uderia com sua mulher ao protestantismo, esperando que o Deus, cujo poder é horizonte e missão, não tanto galava, lhe satisfizesse o seu venenoso anelo. Milagre! Mês depois, a esposa do feliz Bononides dava à luz um robusto menino.

Admitido de não ver durante muitos dias o seu unico convertido, foi o reverendo visitado. Bononides, porém, teve-o logo à entrada com estas palavras: — Olhe, reverendo... eu quero que meu filho siga a religião legítima por muitos dias... O seu Deus é muito bom e estou-lhe muito agradecido, acredite; mas já não tenho mais que lhe pedir. Dê-me um filho, e como não quero mais, volto à fé dos meus antepassados. O reverendo Grosby fugiu de Salomão, onde havia quem enganasse o seu Deus...

Leopolda Ideias

"A história de todos os medos, de todos os vagabundos, de todos os ladrões deturba a vez no entanto, o simples histórico da prostituição, do roubo, de sedução é sempre o mesmo. Entretanto, muitas mulheres que, apesar de tudo não querem prostituir-se, e muitos homens que recebem diante do mundo a sua miséria, a sofrerem página dos noticiários iniciais diariamente na vida, se põem — na noite dessas desgraçadas." "Por toda a parte a luta bestial, sangrenta, atroz por um pedaço de pão, por uma embalgama, por um lugar de dormir, e a sua guerra, a sua luta, a sua luta de uma rapariga contra um conquistador de uma bota, por um lugar de um pedaço de pão, por um pedaço de pão, por um pedaço de pão."

WILLIAM GODWIN

(CONCLUSÃO)

... não se para o verdadeiro interesse, aliado ao da sua obra, do problema não só filosoficamente interessante, de forças contrárias. Ele acredita que todas as coisas são acessíveis à vontade que o indivíduo não se acha em não colheido com utilidade, e que, portanto, a observância, da verdade poderia conduzir os homens a formas superiores de convivência. Mas não esquece que existia interesses e forças opostas que obstruíam violentamente o progresso pacífico da verdade e acredita que a burguesia, embora de consequente ganhos, é benéfica se visa eliminar as forças da barbárie e retrocesso. No entanto, ele, o revolucionário francês? Não me parece, pois, que se possa classificar a doutrina que defendemos entre os reformistas (no sentido atual) desta palavra, porque a sua reforma — isto é, a sua condenação ao não uso violenta — presuppõe uma condição de livre desenvolvimento de todas as capacidades individuais, as tais condições existiam, não seriam todas as anarquistas, que hoje se professam intransigentes, reformistas. Como Godwin, não compreendemos que a violência não seja imposta pela impossibilidade em que nos encontramos, por culpa dos governos, de propagar e aplicar as nossas doutrinas, que julgamos justas e verdadeiras. Por isso mesmo, que é realmente monumental em Godwin com relação ao indivíduo e ao seu "private judgment" (consciência individual); a preocupação que sente em subtrair a todas as influências externas — de forma a permitir que a sua consciência funcione com liberdade — no ponto de ver-lhe a consideração perniciosa não apenas as influências externas, mas o indivíduo pela vontade e o amor, parece-me que se deve excluir de uma forma categorica a idéia de que o anarquismo de William Godwin possa ser incluído nos fundamentos da corrente que a terminologia contemporânea achou por bem designar de comunismo anarquista.

... não se para o verdadeiro interesse, aliado ao da sua obra, do problema não só filosoficamente interessante, de forças contrárias. Ele acredita que todas as coisas são acessíveis à vontade que o indivíduo não se acha em não colheido com utilidade, e que, portanto, a observância, da verdade poderia conduzir os homens a formas superiores de convivência. Mas não esquece que existia interesses e forças opostas que obstruíam violentamente o progresso pacífico da verdade e acredita que a burguesia, embora de consequente ganhos, é benéfica se visa eliminar as forças da barbárie e retrocesso. No entanto, ele, o revolucionário francês? Não me parece, pois, que se possa classificar a doutrina que defendemos entre os reformistas (no sentido atual) desta palavra, porque a sua reforma — isto é, a sua condenação ao não uso violenta — presuppõe uma condição de livre desenvolvimento de todas as capacidades individuais, as tais condições existiam, não seriam todas as anarquistas, que hoje se professam intransigentes, reformistas. Como Godwin, não compreendemos que a violência não seja imposta pela impossibilidade em que nos encontramos, por culpa dos governos, de propagar e aplicar as nossas doutrinas, que julgamos justas e verdadeiras. Por isso mesmo, que é realmente monumental em Godwin com relação ao indivíduo e ao seu "private judgment" (consciência individual); a preocupação que sente em subtrair a todas as influências externas — de forma a permitir que a sua consciência funcione com liberdade — no ponto de ver-lhe a consideração perniciosa não apenas as influências externas, mas o indivíduo pela vontade e o amor, parece-me que se deve excluir de uma forma categorica a idéia de que o anarquismo de William Godwin possa ser incluído nos fundamentos da corrente que a terminologia contemporânea achou por bem designar de comunismo anarquista.

... não se para o verdadeiro interesse, aliado ao da sua obra, do problema não só filosoficamente interessante, de forças contrárias. Ele acredita que todas as coisas são acessíveis à vontade que o indivíduo não se acha em não colheido com utilidade, e que, portanto, a observância, da verdade poderia conduzir os homens a formas superiores de convivência. Mas não esquece que existia interesses e forças opostas que obstruíam violentamente o progresso pacífico da verdade e acredita que a burguesia, embora de consequente ganhos, é benéfica se visa eliminar as forças da barbárie e retrocesso. No entanto, ele, o revolucionário francês? Não me parece, pois, que se possa classificar a doutrina que defendemos entre os reformistas (no sentido atual) desta palavra, porque a sua reforma — isto é, a sua condenação ao não uso violenta — presuppõe uma condição de livre desenvolvimento de todas as capacidades individuais, as tais condições existiam, não seriam todas as anarquistas, que hoje se professam intransigentes, reformistas. Como Godwin, não compreendemos que a violência não seja imposta pela impossibilidade em que nos encontramos, por culpa dos governos, de propagar e aplicar as nossas doutrinas, que julgamos justas e verdadeiras. Por isso mesmo, que é realmente monumental em Godwin com relação ao indivíduo e ao seu "private judgment" (consciência individual); a preocupação que sente em subtrair a todas as influências externas — de forma a permitir que a sua consciência funcione com liberdade — no ponto de ver-lhe a consideração perniciosa não apenas as influências externas, mas o indivíduo pela vontade e o amor, parece-me que se deve excluir de uma forma categorica a idéia de que o anarquismo de William Godwin possa ser incluído nos fundamentos da corrente que a terminologia contemporânea achou por bem designar de comunismo anarquista.

... não se para o verdadeiro interesse, aliado ao da sua obra, do problema não só filosoficamente interessante, de forças contrárias. Ele acredita que todas as coisas são acessíveis à vontade que o indivíduo não se acha em não colheido com utilidade, e que, portanto, a observância, da verdade poderia conduzir os homens a formas superiores de convivência. Mas não esquece que existia interesses e forças opostas que obstruíam violentamente o progresso pacífico da verdade e acredita que a burguesia, embora de consequente ganhos, é benéfica se visa eliminar as forças da barbárie e retrocesso. No entanto, ele, o revolucionário francês? Não me parece, pois, que se possa classificar a doutrina que defendemos entre os reformistas (no sentido atual) desta palavra, porque a sua reforma — isto é, a sua condenação ao não uso violenta — presuppõe uma condição de livre desenvolvimento de todas as capacidades individuais, as tais condições existiam, não seriam todas as anarquistas, que hoje se professam intransigentes, reformistas. Como Godwin, não compreendemos que a violência não seja imposta pela impossibilidade em que nos encontramos, por culpa dos governos, de propagar e aplicar as nossas doutrinas, que julgamos justas e verdadeiras. Por isso mesmo, que é realmente monumental em Godwin com relação ao indivíduo e ao seu "private judgment" (consciência individual); a preocupação que sente em subtrair a todas as influências externas — de forma a permitir que a sua consciência funcione com liberdade — no ponto de ver-lhe a consideração perniciosa não apenas as influências externas, mas o indivíduo pela vontade e o amor, parece-me que se deve excluir de uma forma categorica a idéia de que o anarquismo de William Godwin possa ser incluído nos fundamentos da corrente que a terminologia contemporânea achou por bem designar de comunismo anarquista.

... não se para o verdadeiro interesse, aliado ao da sua obra, do problema não só filosoficamente interessante, de forças contrárias. Ele acredita que todas as coisas são acessíveis à vontade que o indivíduo não se acha em não colheido com utilidade, e que, portanto, a observância, da verdade poderia conduzir os homens a formas superiores de convivência. Mas não esquece que existia interesses e forças opostas que obstruíam violentamente o progresso pacífico da verdade e acredita que a burguesia, embora de consequente ganhos, é benéfica se visa eliminar as forças da barbárie e retrocesso. No entanto, ele, o revolucionário francês? Não me parece, pois, que se possa classificar a doutrina que defendemos entre os reformistas (no sentido atual) desta palavra, porque a sua reforma — isto é, a sua condenação ao não uso violenta — presuppõe uma condição de livre desenvolvimento de todas as capacidades individuais, as tais condições existiam, não seriam todas as anarquistas, que hoje se professam intransigentes, reformistas. Como Godwin, não compreendemos que a violência não seja imposta pela impossibilidade em que nos encontramos, por culpa dos governos, de propagar e aplicar as nossas doutrinas, que julgamos justas e verdadeiras. Por isso mesmo, que é realmente monumental em Godwin com relação ao indivíduo e ao seu "private judgment" (consciência individual); a preocupação que sente em subtrair a todas as influências externas — de forma a permitir que a sua consciência funcione com liberdade — no ponto de ver-lhe a consideração perniciosa não apenas as influências externas, mas o indivíduo pela vontade e o amor, parece-me que se deve excluir de uma forma categorica a idéia de que o anarquismo de William Godwin possa ser incluído nos fundamentos da corrente que a terminologia contemporânea achou por bem designar de comunismo anarquista.

PRINCE BIBLIOTECA ANARQUISTA INTERNACIONAL Acaba de se fundar em Montevideo, Uruguai, de acordo com as resoluções do Congresso Anarquista recentemente realizado em França, a BIBLIOTECA ARQUIVO INTERNACIONAL ANARQUISTA. Logo após haverem sido enviadas cartas aos militantes conhecidos na América, foram levadas a efeito algumas reuniões nas quais ficou apresentada o modo de funcionamento segundo o qual já se está trabalhando. A Comissão administrativa está integrada por delegados de Uruguai, Argentina, México e Uruguai, esperando-se a nomeação de representantes por parte do Peru, Bolívia e Chile. A respeito da fundação da Biblioteca Arquivo Internacional Anarquista, os cobecemos nas seguintes informações: A B. A. I. A. se propõe informar periodicamente os companheiros, sobre todos os seus trabalhos, desde mantendo ao par das suas atividades. Por enquanto, e para começar, daremos conta do seguinte: A B. A. I. A. funciona a base de delegados nomeados pelos respectivos Movimentos Anarquistas da América; foi nomeado Bibliotecário-Arquivista o escritor rumeno Eugen Reigis, que está desde há algum tempo em Montevideo em consequência da difusão comunista que pressa sobre o seu país; As reuniões são semanais e até agora estiveram presentes às mesmas todos os elementos integrantes da Comissão Administrativa, que distribuíram entre si as responsabilidades em seus diversos aspectos. A respeito da Biblioteca (nos 314) a qual se deve reunir a correspondência e outro material adquirido diretamente a Bibliotecário-Arquivo Internacional; Já se possui algum material adquirido através dos amigos em quantidade em vista de uma solicitação feita por meio de circular especial; A B. A. I. A. está por enquanto, localizada em Calle Carlos Rosco, numero 1.125, aplo. 4, Montevideo — Uruguai. Existe o maior interesse em auxiliar os seus trabalhos afim de se conseguirem melhores condições para os documentos que devem integrá-la. Por tudo quanto foi exposto, a B. A. I. A. espera que os companheiros, correspondentes de todos os países, possam se poder conseguir a reunião de nossos documentos e coisas relacionadas com o movimento anarquista, para que este movimento tenha em suas fontes de informações eficaz para efeito de sua história e propaganda. Saudamos fraternalmente a todos os companheiros. A Comissão Administrativa.



AS GUERRAS SÃO UMA CONSEQUENCIA DO ESPIRITO MILITARISTA RESULTANTE DOS ENSINAMENTOS PATRIOTICOS NAS ESCOLAS BURGUESAS. CONTRA ESSE PATRIOTISMO GUERREIRO E AGRESSIVO, CONTRA TODAS AS GUERRAS LEVANTA-SE A VOZ DOS ANARQUISTAS QUE ANSEIAM POR VER INSTITUIDA NA TERRA UMA SOCIEDADE DE HOMENS LIVRES, EM QUE A FELICIDADE NÃO SEJA UMA PROMESSA VA AOS QUE SOFREM POR AGENTES DE UM CÉU INEXISTENTE

"Sou anarquista... A verdade crucifera em Sócrates, Cristo, João Huss, Giordano Bruno e Galileu, vivo todavia! estes e muitos outros nos hão precedido no passado. Nós outros estamos prontos a seguir!"  
AUGUSTO SPIES

# A PLEBE

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas ANO 33 - NUM. 33 (Nova fase)  
SÃO PAULO, MAIO DE 1951

... Si acreditais que com esse barbaro veredicto anarquistas os anarquistas o a marqui, cometeis um erro porque os anarquistas estão sempre dispostos a morrer por seus princípios e estes são imortais".  
ABOLFO FISCHER (Suas últimas palavras)

## Sindicalismo Fracassado

Antes há pouco tempo, a propósito do direito de dinheiro de um sindicato ministerialista por parte do tesoureiro, não se apoderou de 400 mil cruzeiros. A PLEBE publicava uma nota autorizada no título "Chocantes Ladrões" em que se fazia uma crítica severa ao funcionamento dos sindicatos dirigidos por imposição do Ministério de Trabalho após a revolução de 39. Semer combates a sindicalização oficial porque sabíamos que esses sindicatos viriam a constituir-se em refúgio de máfias e políticos de toda a espécie, avidos de extorquir nos respectivos patrões e desbaratar, em jogatinas, mulheres e maldarlar, o dinheiro arrancado à economia dos trabalhadores.

Agora é o próprio Ministério de Trabalho que, em uma exposição de motivos enviada ao Presidente da República, confessa o fracasso da sindicalização governamental a ponto escandaloso de violar o direito dos sindicatos de serem representados por pessoas reais e não por burocratas.

Segundo foi revelado ontem, o ministro Danton Coelho encaminhou ao presidente da República um relatório sobre a situação das entidades sindicais que representam os diversos grupos trabalhistas.

A referida exposição, aprovada pelo senhor Getúlio Vargas, abrangia cinco itens, em que é feita uma pontua da situação do Trabalho, a situação em que se encontram os referidos órgãos sindicais em relação aos trabalhadores.

Na primeira parte, é caracterizada em termos incisivos a debilidade dos sindicatos, que em geral, não representam mais de um terço das diversas profissões. Fica assim, praticamente denunciado o fracasso da sindicalização no Brasil, que é reconhecido pelo próprio governo. As assembleias sindicais, conforme acentua o ministro, não despertam interesse, a não ser quando se destinam aos debates em torno de aumento de salários.

No segundo item, é exposta a situação dos órgãos sindicais, do qual — as Federações e Confederações, analisando então que esses órgãos há anos não produzem atividades e que estão catatônicos. A burocracia está expressamente viciada, não há mais nem a menor preocupação com a melhoria da situação dos trabalhadores. Segundo se denuncia, há existência de casas, metades, da alta da política.

E, em seguida, é ainda observada, a respeito das reuniões, luxuosamente montadas, algumas com características de verdadeiras repartições públicas.

No quarto ponto o sr. Danton Coelho cita agora o exemplo do sindicato dos empregados da Perderação Nacional dos Marinheiros, transformada numa espécie de feitoria. A organização é corrupta e inoperante. Essa Perderação é constituída de sindicatos estaduais, que aqui se fazem representar por pessoas reais e não por burocratas.

A quinta e última alínea da exposição ministerial condena o caráter de desorganização, em virtude do qual os servidores das administrações da União, como os portuários, os ferroviários e outros, foram afetados da sindicalização, numa gritante contraste com a situação dos servidores do Estado Brasileiro e Companhia de Navegação Costeira.

## A Guerra na Coreia



Dele me lembro quando, nos primeiros meses de 1950, me encontrei com ele em um momento de sua viagem para o norte da Coreia. Ele me falou sobre a situação da Coreia e sobre a importância da luta pela liberdade e pela democracia.

Ele me falou sobre a importância da luta pela liberdade e pela democracia. Ele me falou sobre a importância da luta pela liberdade e pela democracia.

## "Peronismo" e Liberdade

Para se compreender o fenômeno "peronista" da Argentina, não basta que se tenha conhecimento da história da Argentina, mas sim que se entenda as lutas pela liberdade, e preciso que o estudioso não queira ter de momento e ideológico. Não basta simplesmente considerar essa questão sob o aspecto do governo de Perón em "La Prensa", mas também sob o aspecto da liberdade de expressão. Não, porque os acontecimentos há pouco tempo desenvolvidos em Buenos Aires, em que foi morto o jornalista Juan Manuel de Rosas, são um exemplo claro de como o "peronismo" se manifesta em atos de violência contra a liberdade de expressão.

Mas para se compreender como Perón conseguiu impor sua vontade, é necessário que se estudem os fenômenos de caráter "desencantado" como sua esposa, a atual primeira-dama, tem tomado para si a direção da política do país.

Liberdade e "peronismo" não se podem confundir: o regime "legal" de Perón, visto que ele está no poder por meio de eleições democráticas, é uma coisa; a ditadura peronista é outra coisa. A ditadura peronista continua, sustentada pelos fanáticos militantes de um governo que substituiu uma situação de fato que se havia alterado na vida do povo argentino a custa de violência e de ilustres promessas feitas aos "descamisados" que acreditaram na "sinceridade" de Perón e em sua magnânima esposa, a sr. Eva Perón.

## Papeis Velhos

# A GUERRA

Remetendo velhos papéis destinados a publicação em A PLEBE na sua fase primeira, velhos artigos que encontram como legado da contribuição intelectual do senhor Simão Vasconcelos, depusimos com o seguinte artigo sobre a guerra, escrito em 1918, portanto no ambiente eletrônico que precedeu a I Guerra Mundial, e que, publicado hoje, em uma época em que a situação de um mundo em conflito para refletir, quase meio século depois, o mesmo sintoma precursor da guerra que está para vir, e que será fatalmente, porque as mesmas causas atuam no sentido da destruição da existência do Estado.

Nesta época de tão decadente civilização, as guerras sucedem-se com uma frequência incrível. Como será possível, no século XX (século da luz e do progresso), admitir-se esta realidade, esse mundo horrivelmente encheado pelo nome de Guerra? Porque ser admitível anunciar, de um ao outro extremo do Universo, estamos desfrutando uma época de alto grau de civilização da humanidade, se em nome de uma ficção a que chamamos pátria os homens se tornam assassinos, depois de terem trucidado, humilhado, roubado e destruído o mundo social que se conseguia a custa do sacrifício de muitos anos?

Milhões e milhares de homens são tirados das oficinas, dos campos, da educação produtiva para introduzirem-se na arte de matar. Será isso uma coisa necessária à civilização? Não é por acaso a guerra a destruição de tudo quanto existe de útil e necessário ao progresso dos povos?

Um dia de guerra equivale à destruição daquilo que se construiu em um ano. Não são poucas as classes trabalhadoras que lutam com esse terrível flagelo. A guerra — essa calamidade de regime capitalista — traz benefícios apenas aos infames parasitas que tudo consomem e nada produzem. Não eles os causadores das guerras, que se sucedem em cada período histórico de algumas décadas de anos, matando a centenas milhares de homens que não tem outra atividade senão a de preparar para desenterrar na vida o seu papel biológico.

São innumeráveis as despesas feitas pelos governos com os aparelhos de destruição, trazendo estes despesas as consequências funestas de maior miséria

## ESPIRITUALISMO

### O JOGO DO BICHO

"As autoridades vão reiniciar a campanha de repressão ao jogo..." (Dois dias)

Dizem que o jogo do "Bicho" vai acabar desta vez.

Outros dizem que é um capricho Veloso do Jogo do "Bicho".

Pô banheiros ao zéreis. E da "caixinha" e bichinho. Não faz mais o que já fez...

Eu, porém, não acredito. Que a Carmela e o Bichinho não saçam sua "caixinha".

Aio mesmo o padre cura. Arde e aos ventos. No "clube" da Prêta...

FREI JOÃO SEM CUIDADOS. CENTRO DE CULTURA... (Conclusão)

por ele debatido constitui uma surpresa em face do que aqui havíamos divulgado com relação à existência de uma colônia agrícola de Israel, demonstrando que a introdução de fé na vida organizada das colônias vem deturpando os seus fins. Não se trata de objetivos de liberdade com que foram criadas e em torno do qual se vinham mantendo até agora.

## A Guerra

(CONCLUSÃO)

entre as classes laboriosas e lucros fabulosos aos capitalistas. Com as despesas feitas para a aquisição de máquinas de guerra os governos criam novos impostos, aumentam aquelas já existentes, os proprietários aumentam as aluguéis de casas, os salários sobem os preços, mais caro, tudo que, em conclusão, os trabalhadores e que pagam tudo; são eles os únicos prejudicados.

Devido a uma guerra, milhões de pessoas ficam a preço de entes queridos, milhares de homens voltam dos campos de batalha alijados, não mais úteis para coisa alguma, e como seres inúteis, têm que mendigar a caridade pública.

Erram os que deusam a civilização da nossa época. Erram em erro que somos animais civilizados, mais civilizados do que são os animais selvagens das florestas. Poderemos considerar os civilizados, porque temos inteligência bastante para inventar aparelhos mortíferos que servem para matar, assassinar e destruir com facilidade? Somos barbáros, mais barbáros do que os selvagens, porque a civilização será aquela em que o operário, não mais escravo, se recusa a servir de carne para canhão e a lutar-se sem assistência legal.

Época de civilização será a que permita aos trabalhadores não mais se pretenderem a fabricação de máquinas de guerra em nome de uma pátria sem utilidade que apenas instrumentaliza os seus fins. Época de civilização será aquela em que os trabalhadores de todo o mundo, destruindo as estatóides fronteiras, se entendam mutuamente as mãos num gesto de solidariedade humana.

Época de luz e progresso será aquela em que os produtos do trabalho sejam revertidos na construção de escolas, arados e máquinas úteis à humanidade.

Aos que nos instigam e exploram o nosso trabalho, aqueles que com o nosso suor desfrutam a felicidade, o bem estar e as posições privilegiadas dadas em troca um pouco de pão; aos causadores de todas as guerras e de todos os nossos sofrimentos, porque não lhe respondemos, quando nos comparamos a um animal, a um bicho, da vida que anda e obediência, assustado, das mãos e dos pés, hipocritas, serviais da mentira e iluzões da verdade, que é a guerra? Não fazes isso? Quando esse grilo de protesto se fizer ouvir nos classes proletárias e em a outro extremo do Universo, terá levado a era da igualdade, da liberdade, da fraternidade e da justiça.

Paulista — 3-2-13  
A N C H I S T